

Tudo se ilumina  
para aquele que  
busca a luz.

BEN-ROSH



(HA-LAPID)  
O F A C H O

... alumia-vos  
e aponta-vos o  
caminho.



DIRECT. E EDITOR — A. C. DE BARROS BASTO (BEN-ROSH)  
Redacção na Sinagoga Kadoorie Mekor Haïm  
Rua Guerra Junqueiro, 340 — PORTO

COMPOSTO E IMPRESSO NA IMPRENSA MODERNA, L.D.A.  
Rua da Fábrica, 80  
PORTO

## O BOM PASTOR

## HISTÓRIA DE ESTER

Um dia que Moisés guardava as ovelhas de seu sogro Jetro, viu um cabrito que se afastava do rebanho e se pôs em fuga. Imediatamente ele se pôs a correr atrás dele a fim de o agarrar e o reconduzir ao rebanho: «Eu não quero deixá-lo desgarrar, dizia consigo, sozinho no deserto, ele morreria de fome e de sede».

Algum tempo depois, ele o viu parar para beber junto duma nascente de água viva.

«Pobre cabrito, disse ele, aproximando-se dele, eu sei agora porque tu fugiste. Eu não duvidava que tu tinhas sede, doutra forma eu não te teria seguido.» Ele esperou que o cabrito acabasse de beber, pô-lo sobre os ombros com muita compaixão e levou-o durante todo o caminho até que ele se juntou ao resto do rebanho.

«O meu cabrito é delicado e fraco, pensou ele, e ele deve estar fatigado da sua corrida.»

A acção de Moisés agradou aos olhos do Eterno que lhe disse: «Quão grande é a tua compaixão, Moisés! Tu tiveste piedade do cabrito, é porisso, que conduzirás o meu povo e tu serás o seu fiel pastor».

*Midrash Shemoth Rabbá, 2.*

Eu juntarei os restos das minhas ovelhas de todos os países onde os tresmalhei: Eu os reconduzirei à sua pastagem; elas serão fecundas e se multiplicarão.

Eu estabelecerei sobre elas pastores que apacentarão. Elas não terão mais receio, nem terror. E nada lhes faltará, diz o Eterno.

JEREMIAS, XXXIII, 3-4.

1 — *A rainha da Pérsia Vasti é repudiada, e Ester é proclamada rainha.* No tempo de Assuerus, rei da Pérsia, que reinava sobre 127 províncias, havia em Susa, sua capital, um judeu, chamado Mardoqueu, que tinha sido levado de Jerusalém, com os cativos deportados para a Caldeia por Nabucodonosor, rei da Babilónia. Este Mardoqueu tinha adoptado como filha sua prima Ester (Hadassah) (Ester em persa quer dizer estrela e Hadassah em hebraico significa Murta), que já não tinha pai, nem mãe.

Um dia Assuerus deu um esplêndido festim aos grandes do seu reino, bem como a toda a população de Susa. Mesas suntuosas foram preparadas nos seus aposentos como nos da rainha, que recebia as damas da corte. Nesta ocasião o rei patenteou as suas imensas riquezas. Viam-se por toda a parte só tecidos preciosos, tapetes magníficos, divãs de ouro e de prata; e as bebidas só eram oferecidas em copos e canecas de ouro. Este festim prolongou-se durante 180 dias.

No último dia, Assuerus, já excitado pelo vinho, pediu à rainha Vasti que viesse, com a coroa real, apresentar-se no meio dos grandes do reino, para que eles admirassem a sua beleza. Mas a rainha recusou-se a vir apresentar-se, e o rei ficou tão irritado com esta recusa que a repudiou. — Algum tempo depois, Assuerus fez reunir no seu palácio as raparigas mais belas e mais distintas do seu reino, a fim de escolher a que devia substituir Vasthi. Entre estas raparigas encontrou-se Ester. Apresentada ao rei Assuerus, ela lhe agra-

dou pela sua simplicidade e pela sua graça, tão bem que ele a escolheu para ser rainha e pousou a coroa sobre a sua cabeça. Contudo, Ester não lhe revelou nem o seu povo nem a sua origem, como lhe tinha recomendado Mardoqueu.

2 — *Mardoqueu desvenda uma conjuração tramada contra o rei.* Todos os dias, Mardoqueu vinha à porta do palácio para saber notícias da Ester. Tendo assim ouvido dois oficiais da corte conspirar contra a vida do rei, deu imediatamente conhecimento disso a Ester e esta informou o rei em nome de Mardoqueu. Foi feito um inquérito, que confirmou o caso; os dois culpados foram enforcados; e o facto foi consignado nos Anais do reino.

3 — *Aman quer fazer massacrar todos os judeus do Império.* Pela mesma época, Assuerus elevou Aman à mais alta dignidade do Império. Aman era um homem arrogante e cruel. Todos os servidores do rei se prostavam diante dele segundo a ordem do rei. Só Mardoqueu se recusava a fazê-lo; ele não queria render a um homem a homenagem que devia ser reservada só a Deus. O orgulho de Aman foi vivamente ferido com isso, e resolveu vingar-se; mas desdenhando pôr a mão só sobre Mardoqueu, resolveu exterminar com ele a nação judaica inteira. Tirou à sorte o dia e mês mais favoráveis ao seu intento, a sorte indicou o dia 13 do mês de Adar.

Então Aman dirigiu-se ao rei e disse-lhe: — «Há uma nação disseminada entre todas as províncias do teu reino; esta gente tem leis que diferem das de toda outra nação; quanto às leis do rei, eles não as observam, porisso não está no interesse do rei conservá-los. Se pois o rei consente nisso, que um édito seja publicado para os fazer perecer e eu entregarei 10.000 Koksars de prata no tesouro real».

O rei tirou logo o seu anel do dedo, entregou-o a Aman e disse-lhe: — Não quero o teu dinheiro, e quanto a este povo, trata-o como te aprouver!

Imediatamente Aman fez expedir para todas as partes do Império cartas, contendo a ordem de exterminar num mesmo dia, 13 do mês de Adar, todos os judeus, homens, mulheres e crianças.

4 — *Ester decide-se a ir à presença do rei em risco de vida.* — O édito de Aman, que foi igualmente publicado em Susa, a

capital do reino, mergulhou todos os judeus numa profunda consternação. Mardoqueu rasgou os seus vestidos, cobriu-se com um cilício e percorreu a cidade chorando amargamente. Mandou imediatamente dizer a Ester que se apresentasse ao rei e intercedesse pela sua nação. Mas a rainha respondeu-lhe: «Toda a pessoa que aparecer perante o rei sem ter sido convocada incorre na pena de morte, a menos que o rei não lhe estenda o seu cetro para lhe fazer graça. Ora, eu, como serei acolhida pelo rei? Há trinta dias que não fui chamada à sua presença. Mardoqueu mandou-lhe esta resposta enérgica: — «Não te embales na ilusão de que, unicamente entre os judeus, possas escapar à morte, protegida no palácio do rei; porque se tu guardas silêncio na hora em que estamos, o livramento e a salvação surgirão para nós doutra parte, enquanto que tu e a tua casa, vós perecereis. — E quem sabe se não foi para uma tal conjectura que tu chegaste à realza?»

Ester mandou dizer a Mardoqueu: — Vai, reúne todos os judeus de Susa; não comei nem bebei durante três dias e três noites; as minhas servas e eu fazemos o mesmo. Em seguida apresentar-me-ei ao rei, e se eu devo perecer, perecerei!» Mardoqueu fez o que Ester ordenou.

5 — *Ester é bem acolhida pelo rei.* — No terceiro dia, vestiu os trajes reais e apresentou-se no limiar do aposento do rei. Assuerus estava assentado no seu trono. Logo que viu Ester, ela encontrou graça nos seus olhos, e ele estendeu-lhe o cetro dourado de que ela tocou na extremidade. «Que tens tu, rainha Ester, lhe disse ele, e que pretendes tu? Mesmo que fosse a metade do meu reino, ela te seria concedida. — Ester respondeu: «Se é o bom prazer do rei que ele venha hoje à minha mesa, com Aman». O rei aceitou; ele mandou logo a Aman que se dirigisse com ele ao festim preparado por Ester. Durante a refeição, o rei repetiu a Ester: «Diz o que tu desejas: mesmo que fosse a metade do meu reino eu te concederei! — «Se encontrei graça a teus olhos, queira bem voltar amanhã com Aman ao festim que eu vos quero preparar e então eu te direi o que desejo».

Aman retirou-se muito alegre, muito orgulhoso de ter sido o único que a rainha

convidou com o rei. Mas quando saindo do palácio viu à porta Mardoqueu, que recusava sempre dobrar os joelhos perante ele, o seu furor despertou. Entrando em casa ele disse a sua mulher: «Para que me serve toda a honra que o rei e a rainha me concedem enquanto que este judeu Mardoqueu está assentado à porta do rei».

Então Zerech, sua mulher, diz-lhe:

— «Que se levante uma força de cinquenta côvados de altura; e amanhã de manhã pede ao rei que ali pendurem Mardoqueu.»

O conselho agradou a Aman e mandou levantar a força.

6 — *Honras conferidas a Mardoqueu.* — Naquela noite o rei não pôde dormir. Para se distrair, mandou ler os Anais do reino, e o leitor começou pela passagem onde estava consignado que Mardoqueu tinha outrora salvo a vida ao rei. «Qual foi a recompensa, perguntou o rei, que foi concedida a Mardoqueu por prémio da sua felicidade?» — «Nenhuma», responderam os seus oficiais. No mesmo momento anunciaram que Aman se encontrava no átrio diante do aposento real. Ele vinha, está visto, para apresentar o seu requerimento ao rei e fazer enforcar Mardoqueu. O rei tendo ordenado que o mandassem entrar, disse-lhe: «Que convém fazer a um homem que o rei deseja honrar?» Aman, supondo que não se podia tratar senão dele mesmo, respondeu: «Que o rei faça revestir este homem com vestimenta real, que o faça montar sobre um dos cavalos montados pelo rei e sobre a cabeça do qual figure uma coroa real; que enviem este homem a um dos maiores senhores da corte, e que este senhor o conduza assim pelas principais ruas da cidade, proclamando: — «E' assim que o rei trata aquele que quer honrar!»

— «Vai depressa, diz o rei a Aman, e tudo o que acabas de dizer, fá-lo ao judeu Mardoqueu, sem nada omitires!» Aman, cheio de espanto, não pôde recusar-se a executar a ordem do rei. Prestou as homenagens a este Mardoqueu, que julgava, momentos antes, poder mandar para a força. Depois foi precipitadamente para sua casa, acabrunhado de tristeza e de vergonha.

7 — *Queda de Aman.* — Aman entretinha-se ainda com a sua mulher e seus amigos sobre a sua triste aventura, quando

os mensageiros do rei vieram buscá-lo para o conduzirem ao festim da rainha.

A' mesa, o rei renovou o seu pedido: «Diz-me o que tu desejas, Ester; nem que seja a metade do meu reino, eu to concedo!» Ester respondeu: «Se eu encontrarei graça perante ti, ó Rei, concede-nos a vida, a mim e ao meu povo. Porque nós temos sido votados ao massacre e à ruína. Se nós não tivéssemos sido senão vendidos como escravos, eu teria guardado silêncio; mas o nosso inimigo nem mesmo se inquietou com o prejuízo causado ao rei!» — «Quem pois teve a audácia de agir dessa maneira?» disse o rei.

— Foi este homem, replicou Ester, este homem cruel e encarniçado, este malvado Aman que aqui está!» Aman ficou aterrado. O rei, na sua cólera, tinha-se levantado do festim para ir para o parque do palácio, enquanto que Aman se levantou para pedir graça da sua vida à rainha Ester, porque ele via que a sua perda estava resolvida pelo rei. Como o rei voltava do parque para a sala do festim, Harboná, um dos seus servidores, disse-lhe: «Muito perto da casa de Aman está levantada uma força, com 50 côvados de altura, que ele mandou levantar para ali pendurar Mardoqueu.»

— «Que aí o pendurem a ele mesmo!» gritou o rei.

Penduraram pois Aman na força que ele tinha preparado para Mardoqueu, e a cólera do rei acalmou-se.

8 — *Elevação de Mardoqueu; festa de Purim.* — Tendo em seguida Ester revelado o seu parentesco com Mardoqueu, o rei nomeou este seu primeiro ministro, no lugar de Aman. Mardoqueu expediu imediatamente para todas as províncias novos éditos, munidos do selo real, para anular o efeito do de Aman. Assim o 13 de Adar, destinado por Aman a ser o dia do extermínio dos judeus tornou-se para estes um dia de alegria e contentamento. Em Susa assim como em todas as cidades e aldeias do reino, os judeus fizeram festins, enviaram mutuamente presentes e espalharam muitas esmolas pelos pobres. Mardoqueu consignou todos estes acontecimentos num livro e enviou cópias dele aos judeus até às províncias mais longínquas. Ele estipulou que os judeus celebrariam para sempre, em recordação desta milagrosa liber-

## NOITES DE SÉDER

Numa cidade inglesa, numa modesta casa, em que antes da guerra, tudo era felicidade e alegria, vivia uma família composta por pai, mãe, dois filhos e uma pequenita que era o enlevo dos 4.

A vida daqueles 5 entes tão amigos e tão unidos foi de-repente transformada com o terrível flagelo da guerra.

O pai e o irmão mais velho foram chamados para cumprir os seus deveres defendendo a sua pátria e a sua religião.

Naquela casa em que outrora tudo era alegria e satisfação, transformou-se numa outra casa em que a alegria e a satisfação eram substituídos pela tristeza e ansiedade.

Os anos de guerra foram-se arrastando e o pai e o John que de longe vinham beijar os seus queridos continuavam lá longe. O Philip fez o ano passado a sua *bar-mitsváh* e não foi tão alegre como a do John porque a essa pequena festa familiar só duas pessoas assistiram: a mãe e eu. Mas, como sabíamos os outros bem essa tristeza foi um pouco atenuada.

Este ano as festas da Páscoa foram mais tristes do que no ano passado, porque no ano passado ainda o pai e o John as passaram em casa aproveitando as suas licenças, mas este ano como foi diferente, quando nos sentamos à mesa e ouvimos o Philip ler as orações desta noite a mãe com os olhos embaciados pelas lágrimas e eu que sentia um mal-estar, um não sei quê que se me atravessava na garganta, ouvíamos aquela voz que de quando em quando mudava de tom e que um tanto modificada pela comoção continuava sempre a ler.

---

tação e em sinal de reconhecimento, o 14 deste mês, como festa, chamada *Purim* (por causa da sorte ou por que Aman tinha consultado). Os judeus aceitaram, por eles e para os seus descendentes, comemorar anualmente esta data; assim a recordação de Purim não se apagará nunca do meio dos judeus.

Quanto a Mardoqueu, ele foi muito considerado na sua alta dignidade; caminhava, em segundo lugar, após o rei; ele era também muito amado por todos os judeus, seus irmãos, a quem ele sinceramente desejava felicidade.

O jantar, que era um pouco melhor do que os outros dias foi mais triste e, terminado este, quando o Philip continuou a ler a mãe que já não se podia conter começou a soluçar e quase em seguida na nossa casa não se ouvia mais nada senão o soluçar de 3 pessoas que com tanta saudade recordavam o passado.

Mal terminaram as orações fomos para a cama. E em cada quarto cada um de nós fazia os possíveis por abafar os soluços.

Na manhã seguinte fomos à sinagoga e numa altura em que todos estavam de pé e rezavam baixinho, a mãe disse-me que se eu quisesse pedir a Deus qualquer coisa o fizesse nessa ocasião e enlão eu pedi:

— Meu Deus que estás no céu, ouve bem o que te peço e vê se me podes ajudar neste momento de aflicção. Faz com que a guerra acabe e que o pai e John voltem para casa para voltarmos a ser felizes como dantes. Faz com que logo quando fizermos o Séder, que a mãe não chore, porque, quando a vejo chorar a vontade de a imitar é tanta que acabo também por deixar cair as minhas lágrimas.

Meu Deus! Eu sei que és bom e desde que o pai está para a guerra tenho-me esforçado por ser boa menina, portanto concede-me o que te peço, faz com que o pai e o John voltem depressa.

A' noite quando principiávamos a sentarmo-nos à mesa bateram à porta e, qual não foi a nossa alegria ao vermos o pai e John entrarem. Nessa segunda noite de Páscoa as lágrimas da primeira, foram substituídas pela animação e alegria. Nessa mesma noite quem fez as orações já foi o pai e quase nós chegamos a esquecer de que havia guerra. Estávamos os 5 como dantes tão contentes que quase me cheguei a esquecer da triste noite anterior.

Antes de me deitar agradei a Deus o milagre que havia feito e pedi novamente que a alegria daquela noite se repetisse para sempre e que em todos os lares onde, como no nosso havia tristeza fosse substituída pela alegria, alegria essa que seria pouco duradoira porque o pai e o John teriam novamente de partir. Pedi também a Deus que fizesse terminar a guerra, essa maldita que tanto nos tem feito sofrer.

NUNO DE BARROS BASTO.

# P Á S C O A

## Símbolo de Liberdade

A festa de Páscoa é a maior festa nacional judaica. Se Pentecostes (Shabuoth) evoca um facto altamente espiritual e civilizador — a proclamação do Decálogo, — se Sucoth recorda o milagre das cabanas no deserto e se Rosh Hashanah e Kipur são dias dedicados à meditação e ao exame de consciência, a Páscoa comemora a libertação d'Israel no sentido mais lato da palavra.

O termo *libertação* não é mesmo adequado. É mais do que isso. Os hebreus constituíam-se pela primeira vez em nação. O livramento do jugo egípcio acompanhava-se duma proclamação de soberanidade que dava a este livramento todo o seu sentido, todo o seu valor.

Livramento e soberanidade eram os dois componentes dum mesmo problema.

Os hebreus do Egipto eram perseguidos como minoria. Ora, para fazer cessar esta perseguição, para atenuá-la pelo menos, eles tinham um caminho mais fácil que o êxodo e a marcha no deserto. Era o de se integrar na nação egípcia, de se declararem os subditos leais do rei e limitar a sua luta à conquista das suas liberdades civis e religiosas no limite em que estas liberdades existiam na época.

E' possível e mesmo provável que um esforço deste género tenha sido tentado, pois que certas passagens da Escritura testemunham da ligação dos hebreus, se não intelectual pelo menos material, à terra do Egipto. Mas a elite recusou no seu espírito toda a ideia de *emancipação* e de *carta dos direitos do homem e do cidadão*.

As primeiras palavras de Moisés ao apresentar diante de Faraó são para lhe pedir não a abolição das leis tirânicas que faziam de seus irmãos cidadãos de segunda zona, e para dizer tudo escravos, mas a sua saída do país.

Moisés não era homem de meias medidas. Ele estava convencido que uma minoria é sob todos os climas e sempre uma minoria, isto é uma presa fácil. A atitude da humanidade em face das minorias não é uma atitude de heroísmo, mas de cobardia.

Uma minoria sem defesa, é o que há de mais cómodo para a sacrificar em holocausto aos deuses temíveis do ódio e da bestialidade. Os homens e os povos são constantemente trabalhados pelo instinto de vingança, mas como o inimigo é muitas vezes mais forte — doutro modo não seria um inimigo — eles lhe procuram um substituto, um fraco. E' ele o culpado.

Uma minoria é o exutório de todas as cóleras. A sua existência não se justifica senão para que ela sirva para expiar os pecados dos outros — como o bode inocente e protestário que se sacrificava outrora a Azazel.

Moisés não tinha esquecido a lição duma história recente, José, como tantos grandes judeus na Alemanha, tinha prestado assinalados serviços ao Egipto. Pela sua inteligência, sua previdência, sem dom de organização, ele tinha salvo o país da fome. Mas morto José, estes serviços são depressa esquecidos.

«E se levantou, diz a Escritura, um novo rei em Mitsraim que não conheceu José». E o exegeta talmúdico corrige: «que fingia não conhecer José».

Este comentário é válido para todos os tempos.

Israel dará por sequência mais dum José a outros Faraós. Dará ao mundo o Livro dos Livros, dará aos povos o sentido da justiça, lhes ensinará o universalismo, lhes oferecerá este Decálogo de que Renan dizia «que ele é para todas as nações e será durante todos os séculos os Dez Mandamentos de Deus». Ele lhes trará, durante dois mil anos de dispersão uma larga contribuição no esforço intelectual e científico das suas elites, mas estes povos — mais exactamente os seus faraós — farão de conta de não conhecer José.

Moisés tinha previsto tudo isto. Ele tinha um dom de advinhação agudo. O Homem de Deus, o Pai dos Profetas via o futuro não através dum *espelho opaco*, através dum véu, uma visão, como era a sorte dos outros profetas, mas nitidamente, directamente. Quando a Escritura nos diz que Moisés conversava com Deus face a face, isto quer dizer que as trevas que en-

volvem estes pobres homens encarregados de governar o mundo se dissipavam diante dele. Deus, disse Maimonides, lhe falava do fundo da sua inteligência, da sua lucidez flamejante.

Moisés permanece inflexível no seu programa: Livramento e soberania. As dificuldades que se anunciam para a sua execução são imensas: dificuldades interiores e dificuldades exteriores. Ele terá de lutar contra os do seu povo a quem repugne correr a aventura, e contra o poderoso faraó. «Os filhos de Israel, diz a Escritura, não escutaram Moisés porque eles estavam desencorajados e gemiam numa dura servidão». Quanto a Faraó, fazia-se mais cruel depois da intervenção de Moisés e tornava mais duras as tarefas às quais os filhos de Israel estavam obrigados. «Que se acabrunhe estas gentes com trabalho, dizia ele aos seus ministros, a fim de que deixem de correr atrás de quimeras».

Através a narração bíblica tem-se a impressão que sem a intransigência de Moisés a situação de seus irmãos no Egipto não seria melhorada. Faraó faz já uma concessão concedendo a Moisés o favor para aqueles que ele defende de praticar livremente a sua religião. «Então Faraó chamou Moisés e Arão e lhes disse: Ide sacrificar ao vosso Deus neste país». Sacrificar a um Deus estrangeiro era nesta época a sùmula da liberdade. O que irritava Faraó era a insistência de Moisés de fazer deixar o Egipto ao seu povo. Mas, ali está precisamente a grandeza de Moisés. Moisés desdenha a liberdade que lhe é lançada em esmola pelos outros. Ele quer a total, indiscutível, conquistada no combate.

Moisés não teria certamente conseguido êxito na sua tarefa se ele não tivesse fundamentado o seu programa de livramento e soberania sobre uma base altamente moral. A sua concepção dum Deus universal, origem da verdade e da justiça, foi nas suas mãos um factor dinâmico poderoso que electrizou um povo tornado amorfo por uma longa servidão. Também vê-se Moisés apressar-se a dar ao seu povo em pleno êxodo e em plena batalha uma constituição que será o esqueleto invulnerável da nação. E' esta constituição, conhecida sob o nome de Thorah, que impedirá Israel de sossobrar. Muitos povos independentes desapareceram no decorrer dos séculos.

O povo judeu teria sofrido a mesma sorte se o programa de Moisés não tivesse sido senão um programa de liberdade material unicamente.

Se a Páscoa devesse celebrar sòmente um facto histórico que se desenrolou há cerca de 3.500 anos, há muito tempo que ela teria caído no esquecimento. Se, desafiando o tempo, ela se perpetua, é que ela traz em si uma mensagem valiosa para todos os séculos. Esta mensagem é a da liberdade nacional e espiritual ao mesmo tempo.

Traduzido de «Le Judaisme Sephardy».

PARIS.

## Publicações recebidas

*Le Judaisme Sephardi* — Órgão mensal adoptado pelo Congresso Sephardi de Londres (Maio de 1935) e pelo de Amsterdam (Maio de 1938). Director: O. Camhy. Direcção: 18, Rue Saint-Lazare, Paris-9.<sup>o</sup>. (em língua francesa).

*Olath Odesche* — Jornal mensal consagrado às Ciências talmúdicas redigido em língua hebraica. Esta publicação contém artigos emanando dos sábios e das luzes espirituais do Judaísmo mundial e tratando dos assuntos talmúdicos, halachicos e agadicos de interesse geral.

Inspirados da mais pura tradição judaica, as investigações profundas assim como os trabalhos recentes e variados de autoridades rabínicas incontestáveis concedem a este órgão tradicionalista um alto valor religioso, intelectual e moral. Ele tem já a colaboração de eminentes espíritos do mundo inteiro.

Redaction: «*Olath Hodeche*».

Rédacteur: *Rabbi M. Mund*.

37, Rue G.—Cavaignac—Paris—Paris-XI

Les Cahiers Sephardis

Directeur: *Sam Levy*.

Boulevard Bineau, 185

Neully — sur — Seine (France).

## UMA GRANDE DAMA JUDIA DA RENASCENÇA

# GRACIA MENDESIA — NASSI

POR ALICE FERNAND-ALPHEN

O Gabinete das Medalhas da Biblioteca Nacional (de Paris) possui um belo medalhão em bronze da Renascença italiana representando o retrato duma grande dama da época e trazendo na cercadura, gravado em caracteres hebraicos, um nome: Gracia Nassi.

O retrato duma grande dama da Renascença italiana, enquadrado de caracteres hebraicos, há ali com que aguçar a curiosidade dos investigadores! Uma controversia se levantou entre sábios a fim de saber se este medalhão era obra do gravador Pastorino, de Siena, ou de Giovanni — Paolo Poggini, de Ferrara.

Em 1858, Adriano de Longperier, conservador dos Antigos do Louvre, num artigo da «Revista Numismática» atribuiu-o a Poggini comparando-o com outras obras deste artista: «É a custo, diz ele, se se pode distinguir a effigie de Isabel d'Este da de Gracia Nassi ou de Lucrecia de Médicis: os mesmos ornamentos do penteado, o mesmo vestido, as mesmas características: tudo concorre a produzir uma semelhança impressionante».

Uma trintena d'anos mais tarde, M. Alfred Armand, na sua bela obra intitulada: Os Medalhões italianos dos séculos XV e XVI, atribuiu-o a Pastorino e descreve-o como segue: «Busto à esquerda; sobre a cabeça véu ornado de pérolas e caindo sobre os ombros. Corsage cortado em quadrado sobre camiseta saliente».

\*

Buscas nos impressos e documentos d'arquivos permitiram restituir, pelo menos nas suas grandes linhas, a vida verdadeiramente extraordinária de Dona Gracia, mãe de Reyna Nassi, Duquesa de Naxos. Para seguir esta carreira, ao mesmo tempo nobre e aventureosa, é preciso viajar em seu seguimento, através uma grande parte da Europa, ligar e religar conhecimento

com os judeus de Espanha e os Maranos portugueses; estudar o estado de espirito que reinava no século XVI em Anvers, em Veneza, em Ferrara, em Ancona, para acabar em fim na corte do sultão Soliman o Magnifico: Constantinopla.

\*

Dona Gracia Mendesia, descende da família dos Benveniste, nasceu em Lisboa em 1510; seu nome cristão era Beatriz da Luna; em 1528, ela desposou um correligionário que pertencia à célebre família dos Nassi d'Espanha e cujo nome de baptismo era Francisco Mendes.

Na data em que estamos, trata-se, bem entendido, de Maranos; isto é de «Cristãos Novos»; designavam-se assim, em Espanha e Portugal, os judeus que, para escapar às medidas de expulsão, recebiam o baptismo e praticavam ostensivamente o catolicismo, ficando contudo secretamente ligados à fé de seus pais. Graças à sua inteligência, à sua actividade em todos os domínios, sem omitir o do pensamento, eles chegavam às situações mais elevadas do Estado, às mais altas dignidades na Igreja, e eles aliavam-se às primeiras famílias do Reino; mas o povo os suspeitava, não sem razão, de ser, no fundo do coração, neófitos pouco convencidos. A Igreja, e sobretudo a Inquisição, inquietas para manter a pureza e a integridade do catolicismo, vigiavam estreitamente os Maranos; então que os infieis escapavam á sua jurisdição, enquanto que eles não podiam ser acusados de actos ímpios, elas tinham todo o poder sobre estas ovelhas, entradas de bom grado ou de força no rebanho de que elles tinham a guarda.

*Continua.*

---

Visado pela Comissão de Censura

# MEMÓRIAS

da Literatura Sagrada dos judeus portuguezes desde os primeiros tempos da Monarquia até fins do Século XV

## MEMÓRIA I

POR ANTONIO RIBEIRO DOS SANTOS

(CONTINUAÇÃO DO N.º 144)

Além destes Códigos Mss. Bíblicos havia muitos de outras obras, que pertencem a diversa classe da Literatura, de que ainda hoje existem alguns fora de Portugal. E' muito estimado entre outros, o que se acha na Biblioteca de Turim do Carvon de Avicena em Hebraico de Nathan Amatho, escrito em Lisboa em 1489 de que fala Rossi da Tipogr. Hebr. pág. 48).

**Correcção e apuramento dos Códigos Mss.** — Não só havia em nossa Espanha um grande número de Mss. Bíblicos; mas eram eles pelo comum os mais correctos e apurados. Assim o confessam os Rabbinos e os seus mais sábios críticos os recomendam como os melhores Códigos, que se podem consultar, como são R. Abraão ben Dior, Nachmanides, Meir, Kinchi e Todrós entre os antigos e dos modernos Norzio, Menochem de Louzano na Prefação ao Livro *Or Torah* impresso em Veneza em 1618, R. Elias Levita Alemão na *Prefação Rítmica do Livro Masoreth Hammasoreth* e no *Schibré Luhoth*, os quais dão grande gabos aos Exemplos Espanhóis e os antepõem a todos os outros. Este foi o mesmo juízo de R. Manuel Aboab na sua *Nomologia*; o mesmo reconhecem entre os cristãos Ricardo Simão na sua *Indagação crítica das diversas edições da Bíblia* (C. XXI, p. 121 n.º 111) e Wolfio na *Biblioteca Hebraica* (Tom. II, p. 292, 327, 328 e c.) e modernamente João Bernardo de Rossi *Da origem da Tipogr. Hebr.* (C. VI p. 45 e c. X p. 88) e na *Prefação* no vol. I *Das Várias Lições do Testamento Velho* (P. XXXVIII).

Por esta razão o nosso portuguez R. Abraham Sabath filho de David natural de

Lisboa nas suas notas ao Livro *Hammeor* no fim do Cap. I *Berachoth*, pôs como nossa regra geral da crítica Sagrada entre os seus conservar e preferir sempre a Lição dos Exemplos Espanhóis a qualquer outra (Kennicott na *Prefação* p. VII).

**Uso que deles fazem os Judeus.** — E com efeito os Judeus pelo comum assim o praticavam, como fez entre outros R. Jacob ben Chaïm; e até costumavam notar à margem as lições Variantes dos melhores Códigos de Espanha, como adverte Bruns na nota à *Dissertação Geral* de Kenricott (p. 530). Quanto aos Portuguezes era notado este primor nos seus Códigos Mss. da Bíblia de 1346 copiada na Guarda, confessa João Baptista de Rossi ser um das mais exactas, e apuradas que tinha visto (*De orig. Typogr. Hebr.* c. x p. 9); e as correctíssimas edições Bíblicas de Lisboa e de que adiante falaremos, que muito exaltam os Críticos mais sábios dentre Judeus e Cristãos, assaz provam, qual era o apuramento dos Mss. Bíblicos de Portugal, sobre que haviam sido trabalhadas.

**Donde corria esta grande correcção.** — Esta correcção de seus Mss. Bíblicos lhes vinha a eles não só do muito cuidado com que nisso se esmeravam, mas 1.º de os trabalharem mui fielmente pelos antigos Códigos de Espanha, que já tinham sido apurados e correctos como notam Zacuto e Ganz, sobre a antiquíssima Bíblia Mss. *Hilelia* ou *Hileliana*, que era um exatíssimo Código Mosoréfico de muita estima, que havia no reino de Leão, de que se dizia ter sido autor o R. Espanhol Hillel (V. Wolfio *Bibl. Hebr.* Tom. II pág. 250, 291).

(Continua).